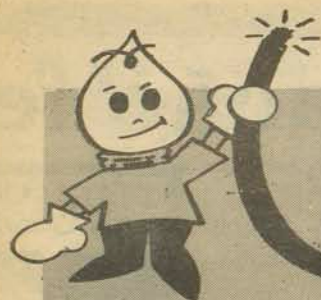




Limpar Viva

SETOR ELÉTRICO
VIOLÊNCIA
As punições continuam

Nº 147
22/08/91



Negociação começa pela garantia no emprego

Já existe um calendário para as negociações da campanha salarial dos eletricitários da Celesc. Ele foi acertado na primeira rodada de negociação que aconteceu segunda-feira, dia 19. A Celesc tentou, pela segunda vez, adiar a reunião, porque não tinha contraproposta para as cláusulas da Pauta de Reivindicações. A Intersindical insistiu e a reunião foi realizada, definindo o processo e o calendário das negociações.

A próxima rodada via acontecer no dia 26 de agosto. Estarão em debate a garantia de emprego e um bloco de reivindicações antigas, já tradicionais. João Paulo de Souza, diretor do Sinergia diz que discussão da Garantia de Emprego é um indicativo importante do ritmo que terão as reuniões. "A empresa quer

testar os empregados; ver se há mobilização mesmo", diz o sindicalista.

Uma vitória importante da Intersindical na reunião de segunda-feira foi a garantia de que a mesa de negociações será composta apenas por representantes da empresa e da Intersindical, sem a participação dos sindicatos que não a integram.

Depois do dia 26, haverá reuniões nos dias 29 de agosto, 2, 5 e 12 de setembro, sendo este último dia o limite para o fechamento de um acordo. No dia 14 de setembro haverá uma reunião de negociações na Delegacia Regional do Trabalho para homologação do Acordo ou para encaminhamento de dissídio.

No cronograma a única data que não foi fechada é a discussão das questões econômicas, mas a Inter-

sindical vai se empenhar em marcar logo esta data. "É importante termos um calendário completo, sabendo-se quando se vai discutir as questões de relevância para que a própria categoria tenha um cronograma de mobilização", dizem os sindicalistas.

A Intersindical avalia que a empresa pode tentar utilizar este ano estratégias semelhantes às que foram utilizadas no passado: protelar as negociações e forçar um dissídio. Os sindicatos acreditam que "é uma postura cômoda para a empresa deixar tudo com o Tribunal". Na contrapartida, a Intersindical garante que só será possível um acordo coletivo favorável aos empregados se houver efetiva mobilização dos trabalhadores. "os acordos são sempre proporcionais à mobilização", conclui João Paulo.

Gazaniga responde com evasivas

Como o diretor presidente da Eletrosul, Amílcar Gazaniga, teima em não reconhecer a Intersindical, ficou decidido na semana passada que a carta em que era cobrado o descumprimento de acordo coletivo e outros problemas criados pela atual diretoria, deveria ser respondida em público. Inicialmente, estava prevista uma vigília, para o dia 20, na espera desta resposta, mas Gazaniga entendeu que a Intersindical estaria fazendo dele um refém. Por isto determinou que os diretores e chefes de departamento da empresa respondessem a carta diretamente aos seus subordinados. A resposta, cheia de evasivas e incompleta, não abordou as questões mais delicadas. Mas pior: veio acompanhada de uma ameaça — quem estivesse presente na vigília seria fotografado e filmado por profissionais contratados pela diretoria da empresa.

Diante disto, em reunião no Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis, no domingo passado, foi feita uma avaliação e constatado que os dois objetivos procurados com o envio da carta tinham sido atendidos. O primeiro era fazer a diretoria manifestar-se, o que foi possível com a pressão da categoria e ficou claro, com a resposta, que

Gazaniga não tem o que dizer. O segundo objetivo, que era mobilizar a categoria em função da campanha salarial que se inicia, também foi atingido. Por isto não caberia a manutenção da vigília terça-feira e assim foram realizadas concentrações, na segunda-feira na sede, e na terça-feira no Ser-tão.

RISÍVEL

Numa análise rápida da resposta da empresa pode-se destacar alguns exemplos. Um deles é o título dado à questão da suspensão dos serviços de vigilância e limpeza nas subestações: "Enriquecimento das Funções dos Operadores". Com isto a empresa se referia a tarefas de capina, limpeza de latrinas, guarda-costas. A empresa teve a capacidade de dizer que os operadores ficam a maior parte do tempo ociosos e é bom para eles a execução destas "tarefas" para se "distraírem e passarem o tempo". Isto demonstra um desconhecimento total das funções dos operadores que devem ficar a maior parte do tempo concentrados nos painéis para acompanhar o estado do sistema. E que é preferível que eles não tenham nada a fazer porque este é um sinal de que tudo está bem. O que será que o senhor Gazaniga acharia

se o avião em que estivesse viajando fosse deixado no piloto automático e o comandante passasse a servir cafezinhos e limpar o avião?

A empresa também esclareceu que a falta de médicos em Tubarão e Itá aconteceu por causa das demissões incentivadas. Reconheceu que a Eletrosul está fora da lei e que não tem conseguido substituto para os dois médicos e que estaria abrindo concurso público para tal. Esta é a grande concordância, por parte da direção da Eletrosul, de que a reforma administrativa não tem critérios e é irresponsável, ao colocar a empresa fora da lei e pondo em risco a vida de seus empregados.

Por tudo isto a Intersindical lembra que a campanha "Não Jogue Fora Seu Sonho" não é só poesia. O que está por trás desta campanha é a defesa de uma empresa com que sonhamos e na qual tenhamos orgulho de trabalhar. Para que cheguemos a isto é necessário que ela tenha transparência, seja empresa pública sob controle da sociedade e não uma estatal controlada por partidos. Há tempos tínhamos orgulho de trabalhar na Eletrosul, agora estamos indignados. Por isto "Não Jogue fora Seu Sonho", resgatando este orgulho e expulsando os irresponsáveis.

ELEIÇÕES NA CELOS: A Intersindical tem candidatos.

Empresa recorre contra Mauro

"Um recurso furioso, dos que não têm razão ou argumentos sérios para derrubar uma sentença e portanto partem para a agressão. Assim caracterizou o advogado do Sinergia, Nilo Kaway Junior, a apelação feita pela Eletrosul contra a sentença da Junta de Conciliação e Julgamento, presidida pela juíza Ana Terezinha Rocho, que julgou por unanimidade improcedente o inquérito interposto pela empresa contra Mauro Guimarães Passos. O inquérito diz respeito aos fatos ocorridos, na greve do ano passado, no edifício Alpha Centauri.

A enumeração das contra-razões vai ser um trabalho sem muitas dificuldades, entende o advogado. "Primeiro estamos pedindo que as injúrias sejam

riscadas dos autos. A empresa antes de tudo atacou a decisão da Junta. Depois vamos demonstrar que eles não têm razão. E isto está no próprio processo. Nosso maior argumento é o próprio representante da empresa que, em juízo, afirmou que não houve violência, crime e invasão. Depois, se observa que eles estão variando: no começo diziam que o Mauro era um bandido. Agora reconhecem que é uma pessoa calma e tranqüila."

A própria sentença da Junta de Conciliação e Julgamento, pela "sua análise brilhante de todos os pontos do inquérito", se encarregou de derrubar os argumentos da empresa. "Por isto não há reversão e o próprio recurso da Eletrosul demonstra isto ao partir para os ataques pessoais".

REPRESÁLIA

Operadores fora de Itá

Comenta-se na Eletrosul que a direção cogita automatizar a subestação de Itá através do Sistema Detre (despacho em Tempo Real) retirando os operadores. A determinação seria em represália ao fato dos operadores desta subestação terem ganho no mês de julho liminar na Justiça, que garantiu seu transporte de Chapecó até a subestação.

A Eletrosul vem há quatro anos dando transporte aos operadores da subestação de Itá. Eles têm suas casas naquela cidade, seus filhos ali estudam e suas mulheres ali trabalham. Quando em junho a empresa ameaçou extinguir o serviço para forçar os operadores a morarem em Nova Itá o sindi-

cato entrou com uma liminar na Justiça que assegurou o transporte. Por isto a empresa estaria cogitando automatizar a subestação. Comenta-se ainda que a medida seria estendida também à subestação de Campos Novos.

Este é um fato grave e que se consumado, reduzirá, significativamente, a confiabilidade do sistema no suprimento de energia ao Rio Grande do Sul. No caso de interrupção dessa interligação via subestação de Itá por defeito, poderá redundar em graves problemas para o sistema, principalmente para o Rio Grande do Sul. Boato ou não é bom que os consumidores gaúchos fiquem atentos.

OPINIÃO

Indexação e eficácia

José Álvaro Cardoso
Economista do Dieese

No último dia do corrente mês acaba o período de vigência da atual política salarial, em função do que, as discussões no Congresso Nacional durante esta semana deverão ocorrer basicamente em torno deste tema. As posições que se tem visto a respeito, dentro do Congresso, no meio empresarial e, inclusive, no meio sindical, em geral têm sido muito superficiais, polarizando quase sempre entre ser contra ou a favor da indexação de salários, pura e simplesmente. Tal discussão, para ser consistente, não deve ser travada no vazio, mas num contexto econômico-institucional determinado. No caso, o Brasil da crise.

É preciso ficar claro que do ponto de vista de quem vive de salários, o mais importante é que não haja inflação. Sua existência, por menor que seja o patamar, quase que invariavelmente, implica em perda do poder aquisitivo dos salários, sendo, portanto, o seu combate o mais fundamental. O reconhecimento desta realidade, porém, não anula outra, sempre presente nas economias capitalistas, especialmente do terceiro mundo: convivemos com altas taxas de inflação e algo tem que ser feito para minorar os prejuízos salariais delas decorrentes. E neste contexto que, no meu entender, a discussão sobre a indexação dos salários deve ocorrer.

Historicamente, a indexação tem sido adotada no Brasil quando o patamar inflacionário já se encontra bastante elevado e a corrosão dos salários marcha acelerada. É quase que como um tratamento homeopático para uma grave infecção em estágio avançado. Isto tem levado alguns

empresários e parlamentares conservadores — ingênuos ou mal intencionados — a elaborar raciocínios com as "pernas-pro-ar", que concluem que são os salários a causa da inflação no Brasil. A eficácia de uma política de indexação, na verdade, depende de uma política que realmente consiga debelar a inflação, colocando-a em patamares pelos menos "suportáveis". Isto não se faz com "choques" econômicos, mas com o saneamento financeiro do Estado, com o equacionamento do problema da dívida externa e com distribuição de renda.

É preciso também retomar o desenvolvimento econômico, pois só com produção, ampliação do mercado consumidor interno e diminuição do desemprego se conseguirá manter o poder aquisitivo dos salários. O empresariado, por sua vez, tem que dar sua contribuição e aceitar uma diminuição de sua margem de lucro, já que, como testam os dados da FUNDAP (Fundação do Desenvolvimento Administrativo de São Paulo), as mesmas apresentaram um elevado crescimento ao longo da década de 80, com setores atingindo margens de até 102%.

Uma política de indexação para ser eficaz vai depender também das demais políticas macroeconômicas como as sociais, agrícola, de abastecimento, monetária, fiscal e cambial. A luta pela indexação salarial, portanto, tão importante neste momento em que mais uma vez a taxa de inflação está em franca ascensão, deve ser também a luta para que este conjunto de políticas esteja articulado no sentido de manter o poder de compra dos salários.

Discriminação fere dignidade na Celesc

Você não acharia um indignidade uma empresa pagar 68 mil cruzeiros para um funcionário com 20 anos de casa e 130 mil cruzeiros para outros com a mesma função, mesma capacidade e há cinco anos no emprego? E o que você acha de quem paga um salário de 63 mil cruzeiros para um senhor com mais de 50 anos de idade, que trabalha todo dia arriscando sua vida e responde pela atividade mais importante da empresa e apesar disto ganha menos que seu colega office-boy? Se a gente soubesse de coisas deste tipo, qual seria nossa reação? Revolta ou cumplicidade?

Isto é o que a Celesc vem fazendo desde sua fundação com os seus eletricitistas do setor de emergência. Nos CODs (Centro de Operação e Distribuição) espalhados pelas principais cidades catarinenses dezenas de homens vivem uma rotina difícil e perigosa. Sua escala de trabalho é diferente das demais e sua atividade é mexer com a linha energizada. Eles gostam do que fazem e mais, tem orgulho do respeito que a comunidade lhes dedica. Mas estão indignados com o tratamento que recebem da empresa e se queixam do descaso dos colegas de trabalho.

"Lá fora, na rua as pessoas nos olham como técnicos, como heróis e tem gente que diz até que somos o coração da empresa. Chova, faça sol é por causa

de nosso serviço que tudo funciona. Quando cai um poste, queima um transformador, quem é que vai lá consertar? Somos nós. Agora, para a empresa a gente não passa de peão. Nós ganhamos menos que um gari, ganhamos a metade do que ganha um eletricitista instalador de medidor, ganhamos menos do que um eletricitista que trabalha com corte. Porquê? Porque os chefes e diretores da empresa só nos aplaudem quando falta luz na casa deles?". O desabafo é de um plantonista com quase 30 anos de Celesc e que reclama da falta de critérios da empresa

para remunerar seus trabalhadores. "Isto reflete bem a desorganização daqui de dentro". A maioria deles acha que isto acontece porque não existe uma pessoa que os represente frente à direção da Celesc. "Cada setor tem uma pessoa que o representa no CRH. Lá eles se sentam e discutem os salários. Nós nunca tivemos um representante no CRH. Os engenheiros da área sempre falaram contra a gente".

Um eletricitista exemplifica a relação com os chefes de setor contando que na última avaliação feita na área, numa escala

de 900 pontos ele ficou com 870 pontos. "Mesmo assim o engenheiro disse que não daria aumento para mim porque sou muito antipático e falo demais. Não se pode falar, não se pode reivindicar. E aí, com que ânimo a gente trabalha?". Apesar de trabalharem sábado, domingo, feriado, Natal e na madrugada o pior dia para todos eles "é quando acontece algum acidente, se perde um colega. Aí não dá nem para conversar". Mas durante o trabalho o momento de maior tensão é quando um transformador é religado. "Estes dias", conta um ele-



tricista, "fui religar um no Kobrasol. O casco do transformador estava furado. Na hora que ele recebeu a tensão o óleo espirrou. Devia estar a uns mil graus. Sorte é que não pegou em mim".

MARISCOS

Mas se perante o público os eletricitistas são "os heróis", os atendentes que trabalham no COD são "os vilões". São eles que recebem as chamadas pelo telefone 196. Em Florianópolis são dois atendentes por turno, responsáveis muitas vezes pela expedição de 500 ordens de serviço diárias. A maioria das pessoas "já ligam irritadas, pois ficaram sem energia no meio do banho, ou querem assistir a um programa na tevê. Se em dia de vento ou temporal a gente faz 500 ordens de serviço você pode multiplicar por três o número de chamadas telefônicas. E que muitas vezes a pessoa liga várias vezes, ou vários moradores do local ligam pedindo o serviço. É uma loucura", explica o atendente Rosemiro Garcez. Ele está acostumado a ouvir do outro lado pessoas que perguntam se sabe com quem está falando, pessoas que ameaçam, pessoas que acham que o telefone foi colocado fora do gancho, pessoas que xingam. "Nós temos que administrar o conflito do consumidor com a empresa, que nem o marisco entre a pedra e o mar".

Quando escrevemos "retirando a responsabilidade" não se está afirmando que com a catraca os trabalhadores ficam irresponsáveis, mas sim que não mais é dele este compromisso — ele apenas se joga, se transporta, se leva a passar pela catraca, e isto feito está grande parte do seu dia resolvido, o resto é só trabalhar. E isto mesmo, o resto é só trabalhar, pois o mais importante já foi esquematizado — o plano diário para cumprir as 8 horas. UMA GRANDE INVERSAO.

Entendo que este é o maior prejuízo que pode ser contabilizado pelas catracas e seu sistema. Não são menos importantes os prejuízos individuais causados pelo permanente "massacre" a que está sujeito cada trabalhador mesmo o mais desligado, pois lá no fim recebe por escrito o número de horas trabalhadas, de horas extras, de horas descontadas, etc, etc, etc...

O controle como o trabalho devem ser projetados para o homem e para tal devem ser utilizados os conhecimentos disponíveis sobre o homem. Estas questões, o controle e o trabalho, são questões únicas dentro da questão maior que é a organização do trabalho.

O homem tem um corpo, e vamos dizer assim, uma cabeça para administrá-lo. O homem trabalha "muito melhor" nas condições adequadas. Quando se diz trabalha "muito melhor" quer se entender no sentido mais amplo, ou seja, melhor para o trabalhador nos aspectos mais diretamente ligados ao seu trabalho e para toda a sociedade que terá um homem mais feliz, menos doente, com menos dores, mais disposto ao lazer, etc...

Se for utilizado para medir a altura de um homem um dispositivo eletrônico provido de uma agulha que passa ao longo do corpo deste homem, pode-se concluir que não foi utilizado o equipamento correto — adequado ao homem — mas sim adequado para verificarmos o comprimento de uma prancha de madeira.

Esta agulha fere o homem e fornece uma medida errada devido o corpo não ser plano.

A catraca não é adequada ao homem pois ela fere o homem. Mas sendo justo ela dá uma informação precisa, que é quanto tempo cada trabalhador ficou em seu local de trabalho.

E daí?

Ganhamos o quê? O homem "ferido"?

Ganhamos o homem sofrido psicologicamente?

O homem não nasceu para andar com o guizo no pescoço. A forma deve ser outra. O homem é sutil, é inteligente, chora, ri, explode, tem muitos sentimentos.

Como Taylor os responsáveis pela instalação das "catracas" esqueceram disto. Taylor, penso que podemos desculpar, pois na época os conhecimentos sobre o homem eram muito pobres.

De lá até as catracas, graças a estes gênios das questões de recursos humanos, não evoluímos em nada.

A luta pela saúde mental está iniciada. O sofrimento mental resulta da organização do trabalho que vem a ser a divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa, o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder, as questões de responsabilidade, etc.

PORRA!

Os trabalhadores do 1º mundo anterior a luta pela saúde mental tiveram duas grandes fases de lutas. A 1ª, até a 1ª Guerra Mundial — luta pela sobrevivência, condenavam a duração excessiva do trabalho; a 2ª, até 1968 — luta pela saúde do corpo, denunciavam as condições de trabalho.

Nós, no Brasil, que ainda estamos com as duas primeiras questões na mesa, ainda tem gente que fica brincando com catracas.

Vão passear no metrô de SP ou do RJ. Haja açúcar.

TRIBUNA Livre

José Luiz Fonseca da Silva Filho
Prof. de Ergonomia na ESAG

De Taylor até as catracas

Os Principípios da Administração Científica defendidos por TAYLOR (1856-1915), colocavam em risco o corpo do trabalhador, fragilizava-o, deixava-o doente ou com grandes riscos de tornar-se doente. Isto era consequência da privação que sofria o trabalhador quando mergulhado no sistema Taylor — do seu protetor natural que é o aparelho mental.

Taylor desconsiderava totalmente o homem em suas elocubrações e experiências. Para ele, existiam somente máquinas, ferramentas e maneiras, previamente estabelecidas, de serem executadas tarefas.

Desta forma recaía tudo sobre o corpo, não havendo condições do trabalhador promover as regulações que lhe são específicas ou particulares.

Frente a isto os trabalhadores do 1º mundo promoveram a frente de luta pela saúde do corpo, que conduzia a denúncia das condições de trabalho, vindo desta forma esgotar o sistema Taylor.

Muitas empresas nacionais, especialmente as estatais e no nosso caso a ELETROSUL (a CELESC parece que vai para o mesmo caminho), adotaram a "catraca" como forma de controle do tempo que o trabalhador fica dentro da empresa.

Se fizermos uma análise sobre o que está acontecendo com os trabalhadores que estão sujeitos a estas catracas (símbolo de modernidade) e a todo o sistema que a acompanha, veremos que este conjunto está retirando a responsabilidade de cada um com a empresa.

Quando escrevemos "retirando a responsabilidade" não se está afirmando que com a catraca os trabalhadores ficam irresponsáveis, mas sim que não mais é dele este compromisso — ele apenas se joga, se transporta, se leva a passar pela catraca, e isto feito está grande parte do seu dia resolvido, o resto é só trabalhar. E isto mesmo, o resto é só trabalhar, pois o mais importante já foi esquematizado — o plano diário para cumprir as 8 horas. UMA GRANDE INVERSAO.

Entendo que este é o maior prejuízo que pode ser contabilizado pelas catracas e seu sistema. Não são menos importantes os prejuízos individuais causados pelo permanente "massacre" a que está sujeito cada trabalhador mesmo o mais desligado, pois lá no fim recebe por escrito o número de horas trabalhadas, de horas extras, de horas descontadas, etc, etc, etc...

O controle como o trabalho devem ser projetados para o homem e para tal devem ser utilizados os conhecimentos disponíveis sobre o homem. Estas questões, o controle e o trabalho, são questões únicas dentro da questão maior que é a organização do trabalho.

O homem tem um corpo, e vamos dizer assim, uma cabeça para administrá-lo. O homem trabalha "muito melhor" nas condições adequadas. Quando se diz trabalha "muito melhor" quer se entender no sentido mais amplo, ou seja, melhor para o trabalhador nos aspectos mais diretamente ligados ao seu trabalho e para toda a sociedade que terá um homem mais feliz, menos doente, com menos dores, mais disposto ao lazer, etc...

Se for utilizado para medir a altura de um homem um dispositivo eletrônico provido de uma agulha que passa ao longo do corpo deste homem, pode-se concluir que não foi utilizado o equipamento correto — adequado ao homem — mas sim adequado para verificarmos o comprimento de uma prancha de madeira.

Esta agulha fere o homem e fornece uma medida errada devido o corpo não ser plano.

A catraca não é adequada ao homem pois ela fere o homem. Mas sendo justo ela dá uma informação precisa, que é quanto tempo cada trabalhador ficou em seu local de trabalho.

E daí?

Ganhamos o quê? O homem "ferido"?

Ganhamos o homem sofrido psicologicamente?

O homem não nasceu para andar com o guizo no pescoço. A forma deve ser outra. O homem é sutil, é inteligente, chora, ri, explode, tem muitos sentimentos.

Como Taylor os responsáveis pela instalação das "catracas" esqueceram disto. Taylor, penso que podemos desculpar, pois na época os conhecimentos sobre o homem eram muito pobres.

De lá até as catracas, graças a estes gênios das questões de recursos humanos, não evoluímos em nada.

A luta pela saúde mental está iniciada. O sofrimento mental resulta da organização do trabalho que vem a ser a divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa, o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder, as questões de responsabilidade, etc.

PORRA!

Os trabalhadores do 1º mundo anterior a luta pela saúde mental tiveram duas grandes fases de lutas. A 1ª, até a 1ª Guerra Mundial — luta pela sobrevivência, condenavam a duração excessiva do trabalho; a 2ª, até 1968 — luta pela saúde do corpo, denunciavam as condições de trabalho.

Nós, no Brasil, que ainda estamos com as duas primeiras questões na mesa, ainda tem gente que fica brincando com catracas.

Vão passear no metrô de SP ou do RJ. Haja açúcar.

A Tribuna Livre é um espaço aberto. As matérias, devem ser remetidas para a redação, assinadas, datilografadas, e nunca com mais de 40 linhas de 70 toques. A publicação ficará a critério dos editores.



Federação foi debater sobre o imposto sindical

No dia 19 de agosto mais uma vez aconteceu no TST audiência para decidir a questão da devolução do Imposto Sindical. E, mais uma vez, a exemplo do que aconteceu na audiência do dia 18 de julho a Federação dos Urbanitários e a própria União (cujo ministro do Trabalho, Antonio Magri, se diz favorável à extinção do imposto) não compareceram. Com isto finaliza-se a fase de audiências e agora só resta esperar a data do julgamento.

Celesc não avalisa URP

A Intersindical recebeu correspondência da Celesc em que a empresa informa que absolutamente, não é avalista em relação ao financiamento via Caixa Econômica Federal para a URP. Por isto a Intersindical esclarece que não é possível encami-

nhar o pagamento da URP por financiamento da CEF por total falta de aval e garantias.

TST confirma tese sobre a periculosidade

O TST confirmou a sentença do TRT de Santa Catarina e deu ganho de causa para 47 trabalhadores da Eletrosul referente à periculosidade. Isto demonstra mais uma vez a irresponsabilidade com que a empresa vem sendo dirigida. Agora ela terá que pagar a periculosidade desde 1986 até hoje e recomençar a pagar de agora em diante para estes 47 trabalhadores onerando em milhões de cruzeiros a caixa da empresa por pura incapacidade administrativa. O passivo trabalhista gerado com mais esta intransigência da direção da Eletrosul vai aumentar ainda mais tendo em vista os recentes cortes de pagamento de peri-

culosidade para outros trabalhadores.

Eletrosul vai pagar pelo seu atraso

Em janeiro de 90 a Eletrosul atrasou o pagamento dos funcionários. Ou invés de efetuar o pagamento no dia 23 foi fazê-lo no dia 30. O Sinergia entrou com uma ação pedindo que a empresa pagasse a correção monetária correspondente a este atraso. A Junta de Conciliação e Julgamento concedeu o pedido e no dia 13 de agosto, com a sustentação do advogado Prudente José Silveira Mello, o Tribunal Regional do Trabalho manteve a sentença condenando a empresa a pagar a correção monetária.

Reuniões no Sinergia

As reuniões do Sinergia ocorreram às segundas-feiras, às 18 horas. Estas reuniões são abertas a participação de toda a cate-

goria. O sindicato é de todos, portanto esta abertura garante ao sindicalizado o exercício da participação nos destinos de sua entidade.

Intercel lança candidatos à Celos

A Intersindical vai participar das eleições para o Conselho de Curadores da Fundação Celos, lançando candidatos às eleições que acontecerão no dia 30 de setembro. A resolução da Intersindical é apoiar os sindicalistas João Paulo de Souza (diretor do Sinergia) e Aramis Novaes (presidente do Sindicato dos Eletricitários do Norte do Estado). A participação na eleição se deve, segundo a Intersindical, devido ao fato de que a Celos é mantida pelos empregados e pela empresa, cabendo ao movimento sindical ter participação ativa na definição dos rumos da instituição.

Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina que tem 7.500 exemplares. Diretor Responsável: Glaucio Marques. Editores: Gastão Cassel (DRTS 5186) e Maria Cristina Seomazon. Ilustração: Frank Maia. Impressão: Gráfica do Jornal O Estado. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 21, Fpolis, SC. Fone: (0482) 22-3886. Telex: 48-2265. Fax: 23-5386. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

A estrela cai, o mundo espera

Vitor Schmidt
Vereador PT/Fpolis

Gorbachev caiu. Primeira imagem: um General! Parecia que este tempo de Generais tivesse saído de cena. Mas não, ao que tudo indica, a chamada Linha Dura do PCUS (ortodoxos somam KGB, boa parte das forças armadas e burocratas dirigentes) desfere um golpe.

Nos últimos seis anos Gorbachev propôs reformas no sistema econômico-produtivo (perestroika) e no sistema político (Glasnost). Reformas profundas, não consensuais no bloco dirigente soviético. Para navegar neste mar revolto, o líder soviético foi mestre: propunha reformas e neutralizava a linha dura com concessões (pequenas nos últimos tempos).

É possível de se imaginar duas outras hipóteses explicativas: um jogo de cena, visando refortalecer o líder combatido pelo desgaste do ritmo de reformas que não conseguiu satisfazer plenamente nem reformistas nem contra-reformistas. Difícil acreditar nesta hipótese, por seu conteúdo altamente manipulatório e perigoso para a democracia. A outra hipótese seria a de que estivessem por trás do golpe as forças reformistas radicais, mas que também é descartável pelos motivos anteriormente expostos e ainda pelas reações de Yeltsin e do Ocidente.

O certo é que o governo soviético estava muito pressionado pelos sucessos apenas parciais das reformas, pela falta de apoio concreto internacional e pela luta interna das nacionalidades por emancipação. Quais eram as principais virtudes do líder Soviético? Um político do nosso tempo, com a visão ampla e profunda da realidade mundial de internacionalização das economias, da cultura e das decisões. Conhecedor destacado e crítico dos problemas do chamado "socialismo real", sabia que esse modelo está esgotado e que é preciso transitar e ousar.

Hábil negociador, conteve por longo tempo os excessos de direita e de esquerda. Numa frase: personagem central do fim da "Guerra Fria".

Defeito principal: incapacidade de produzir e operar uma alternativa eficiente capaz de dinamizar o processo produtivo e recuperar a economia, ao mesmo tempo em que de vazão à imensa demanda reprimida por liberdades.

Primeira Conclusão

Independentemente de quem tenha sido o autor do golpe e de suas "melhores intenções", a forma utilizada — o golpe — que é conteúdo, é desastrosa. Não só para os soviéticos, mas para a humanidade.

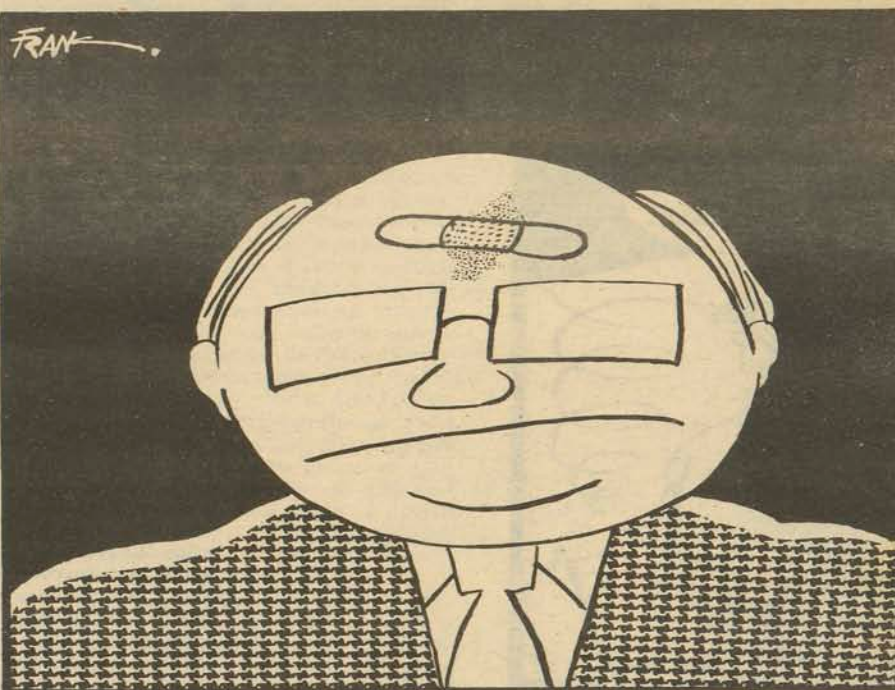
Se é verdade que se "legítima pelo procedimento", o procedimento adotado é antidemocrático e reacionário e a cultura que se manifesta neste ato é a da força, oposta à da razão e da inteligência. Como gênero humano nos sentimos derrotados.

Perspectivas

1 — Não nos parece provável a volta da guerra-fria nos moldes anteriores. A guerra-fria era muito mais do que um potencial confronto militar entre superpotências desafiadas. Era essencialmente o confronto de visões de mundo alternativas e opostas (privativismo e coletivismo). Com a dissolução do Pacto de Varsóvia e da via que ficou conhecida com "socialismo real" do Leste Europeu, a disputa que segue entre socialistas e liberais se dá em outras bases, com outro métodos. Mas no campo de batalha de racionalidades, onde ortodoxos como os da Linha Dura golpistas são minorias em extinção na humanidade. Talvez seja correto se falar em uma ascensão militaristas em algumas potências como os EUA, que estão passando do papel de líderes intelectuais do progresso tecnológico para o ridículo papel de "leões de chácara" do baile liberal. Generais lá justificam generais cá.

2 — A questão das nacionalidades e da autodeterminação. A Europa como um todo possui uma história secular de conflitos nacionalistas e uma arraigada cultura xenofóbica. Se com um mínimo de democracia já era difícil de encaminhar esta complexa realidade, é certo esperar que a Junta Soviética tentará sufocar pelas armas os movimentos nas diferentes repúblicas. Terá como resposta certa uma escalada em igual medida de parte dos separatistas.

3 — Afastando Gorbachev não se afastaram os problemas que pre-



ocuparam os acontecimentos destes últimos anos, ou seja, a necessidade de amplas reformas econômicas, sociais e político-culturais. A linha-dura não tem condições de promovê-las. Reagiu e elas. Tal procedimento de propor reformas exige uma mentalidade progressista e democrática que os ortodoxos não possuem.

4 — O novo governo será rapidamente isolado das relações internacionais. Não é difícil se perceber que pode evoluir para um nível de isolamento até mesmo superior ao que o Iraque foi submetido recentemente.

5 — Todos estes fatores apontam para um crescimento da tensão e revolta interna, devido ao inconformismo e à exigência de mudanças, podendo ocorrer uma solução a 1: Romênia em escala ampliada.

6 — Não é de todo descartável um certo nível de internacionalização do conflito, tanto pelo lado dos golpistas ao ser lançado numa aventura (embora sejam remotas as possibilidades) quanto pela chance ocidental de jogar a "pá de cal" no comunismo. Ou seja, produzir um mar de dificuldades ainda maior para a esquerda internacionalmente ao usar da mais abjeta manipulação de opinião tentando jogar na vala comum golpistas e socialistas em geral.

Para Prestar Atenção

A via que Gorbachev estava usando era a de fazer a transição a partir do aparelho de Estado, com democracia. Esta via permitia administrar a transição, sem entregar completamente o patrimônio público soviético à voracidade do capital monopolista internacional, ao mesmo tempo em que desafogava a demanda reprimida por liberdades.

O sucateamento do aparato produtivo do Leste Europeu após a derrubada do "socialismo real", gerou no curto prazo milhões de desempregados em todos os países em que ocorreu. Esta não é a realidade que almejavam os soviéticos e está claro, não era o desejo do povo do Leste. Este argumento fortaleceu muito nos últimos tempos os setores golpistas (juntamente com a questão de manter a unidade da federação contra os interesses nacionalistas). Curiosamente, parecia também ser o melhor argumento de sustentação de Gorbachev.

Resta uma questão a ser respondida: se havia — e sempre se falou nisso — a possibilidade de golpe e evitar isto dependia do sucesso das reformas, porque o Ocidente (países ricos) nunca deram a ajuda solicitada por Gorbachev?

Acho que há uma resposta mais provável (existem outras): Gorbachev não era exatamente o que os países ricos queriam (e os esquerdistas mais ortodoxos e sectários afirmavam). Não era simplesmente o introdutor do capitalismo na União Soviética. Era sim, muito mais, uma ameaça de esquerda, heterodoxa, à festa planetária de locupletação dos liberais em homenagem "ao fim do comunismo".

Era e é sim uma nova via, ainda não claramente definida, certamente pós-comunista e pós-social-democrata, que abandonou dogmas na tentativa de dar uma dimensão mais condizente com a "essência" no fazer histórico. Uma via que admite os fatos da realidade como fatos, e não "intriga da oposição", quando estes fatos são indigestos. Havia e há necessidade de amplas reformas, tanto lá como cá, com ou sem Gorbachev. Sem ditaduras.

LINHA
aberta